

Ser treze

A memória de Joaquim Serra⁴⁰

Anoitecera, havia pouco.

Na Avenida Maranhense conversavam, num dos bancos recentemente colocados ali no antigo largo do Palácio, as duas comadres Eleutéria e Raimunda Codó.

Decorreram muitos anos já que as duas mulheres não sabiam notícias uma da outra, apesar de noutros tempos serem unidas carne com ossos e morarem sob o mesmo teto, bebendo água juntas, dormindo na mesma tipoia, fumando no mesmo cachimbo e bebendo do mesmo mingau.

Circunstâncias imperiosas separaram as duas amigas, havia doze anos, ficando a Eleutéria na cidade e indo a Codó residir em Viana, donde só voltara em fins do ano passado.

Tão prolongada ausência, entretanto, não arrefecera aquela amizade fraternal. Pelo contrário, tornara-a crescente, e agora, que não mais se separariam, a Eleutéria apresentava à Codó uma criança vivaz e robusta para ela ser madrinha, ficando assim para todo o sempre alicerçada a antiga afeição.

A conversa se ia encaminhando sobre múltiplos assuntos quando na igreja da Sé o sino vibrou forte e sonoramente as sete

horas. Parece que aqueles melífluos sons, ferindo os ouvidos das duas amigas, reavivou-lhes na memória cenas do passado.

Assim foi que a Raimunda Codó, lançando a vista para a Catedral, falou à amiga:

— Sabes de que me *alembro*, quando eu olho ali p'ra igreja da Sé? De quando gritou a liberdade; da festa de arromba que ali se fez, Eleutéria!

— É verdade, minha comadre, parece que foi ontem... Mas já lá se vão dezessete anos, que não são dezessete dias!

— A procissão de Nossa Senhora da Vitória, ali naquela Sé, pelo Treze de Maio, eu nunca vi outra mais bonita!

— E foi só isso? E as passeatas? Chega a gente não tinha mais tempo nem p'ra comer. De vez em quando os foguetes estouravam e a música zabumbava por aí afora, e lá a gente, se estava em casa, descansando, era só trançar a saia na cintura e ganhava o bredo.

— Tu te *alembra* da Margarida, aquela da casa das Macedos?

— Eh! Essa rapariga era levada da breca. Pois ela não teve coragem de, assim que chegou o telegrama dizendo que não havia mais escravos, chegar-se p'ras senhoras e dizer: “Agora todos somos iguais, quem quiser que vá ao Açogue. Quando as senhoras quiserem, têm uma casa às ordens no beco do Rancho”! E foi saindo acompanhada dum carroceiro com o seu baú na cabeça. As brancas ficaram todas com cara de André.

— E quando se fez uma passeata para cumprimentar o Maranhense e o Victor Castello,⁴¹ que Deus os chame lá, que os pretos do Jerônimo Tavares apedrejaram a casa daqueles brancos que tinham muitos escravos, lá na praça d'Alegria?

— Mas, minha comadre, tudo isso contado não é acreditado. E a Vitória, das “Corações de Ferro”,⁴² que largou o balde lá no mercado, e não apareceu mais nas casas das senhoras...

— ... Que elas mandaram a polícia e o chefe respondeu que o

tempo de prender escravos já se havia acabado, que agora eram todos iguais.

— E elas ficaram com a cara deste tamanho!

— E nunca que a Vitória foi perdoada, pois, quando o Queirós foi delegado de polícia, elas arranjam um aranzel com a rapariga que ela não só se meteu em bolos como teve a cabeça raspada.

— Mas o que não se pode negar é que as festas foram de estrondo.

— Também, foi só naquele tempo. Hoje está tudo mudado. Nem uma festinha mais se faz p'ro Treze de Maio.

— Sabe quem ainda faz um festejozinho, muito limitado, quase só p'ros de casa e os mais amigos? É nhá Amância, lá no Caminho Grande.

— E que não tinha obrigação, pois ela não foi treze. Ela é das que têm carta no cofo; ao passo que as *tais* de “alforria por decreto”, assinado com pena d'ouro, essas se vão esquivando...

— É, minha comadre, a grande questão é que, hoje, ninguém quer ser treze; quando se puxa uma conversazinha diante dos que foram, eles vão logo escapulindo-se.

— Pois, outro dia, senhora, eu não tive uma pega com a Maria Benedita, lá no canto do Ribeirão?

— Deveras, minha comadre?

— É como te digo. Ora, nós que conhecemos Maria Benedita desde negrinha, com aquela canela seca, vendendo arroz de Veneza, da fazenda do coronel Gonzaga! Sabes o que ela teve coragem de dizer, na minha presença? Que ela foi *forra* na pia,⁴³ que nunca conheceu cativoiro, que foi criada como branca e outras gabolices mais. Ora dá-se p'ra isso!

— Muito bem arranjado, esse negócio! Ora a Maria Benedita! Ela que dê uma folga nisso, e que faça por menos...

— Mas também, eu desanquei a negra que ela ainda me fiou

restando! E ela agora há de andar na certa comigo. Trastejando, eu 'stou-lhe no piso...

— Quando ela estiver com essas pabulagens, diga-lhe: “Cuida com o teu corpo, rapariga, que tu não ’tás fazendo nada”...

— Não, p’ra cá agora ela vem de carrinho; quando não, estamos com o carro no toco. Na minha presença ninguém vem se apurar.

— Bem faço eu, que não nego o que fui. E p’ro quê? Eu sei perfeitamente que Deus Nosso Senhor não deixou cativo no mundo, que isso foi uma história dos homens. Por isso não vejo de que me hei de envergonhar. Digo em alto e bom som que fui escrava, e que achei um filho de Deus que deu por minha carta quinhentos bagarotes! Tenho-a no meu cofo!

— E eu digo em alto e bom som que fui liberta no dia primeiro do ano de oitenta e oito, do mesmo em que veio a lei de Treze de Maio. Sabes como os meus brancos eram atilados. Parece que a coisa rosnou lá por cima e eles, p’ra fazerem “um bonito”, passaram a minha carta. Já se vê que eu também tenho carta no cofo...

— Bom, assim como nós, está bem, porque só dizemos a verdade. Mas essas outras que por aí andam, que p’ra não dizer nem que foram treze nem que têm carta no cofo, dizem que foram forras na pia?! Ah! Uma onça!

— Estão pensando que a gente veio ao mundo ontem. Mas hão de ser sempre desmascaradas.

— Dê daqui, dê dali, o que é certo é que o Treze de Maio aí vem e não se fala numa só festa, a não ser nessa de nhá Amância e, talvez, algum arrasta-pé em casa de nhá Domingas. Pra que tamanha ingratidão com esse dia, que é grande, que é todo nosso!

— Eu cá por mim sempre guardei o dia e hei de guardar enquanto Deus Nosso Senhor me emprestar vida e saúde. É o mesmo que ser um domingo ou um dia santo grande...

— A mesma coisa se dá comigo. E o que há mais de admiração

nisso é que nenhuma de nós foi treze; temos ambas as nossas cartas no cofo.

— É por isso que dizem que o melhor sentimento é o que se concentra no coração e não o que se alardeia. Não fazemos festa porque não podemos; mas guardamos o dia com a maior veneração, cá no nosso peito. Ser treze é uma grande coisa, Eleutéria!

— É uma honra, minha comadre!

Estas últimas palavras foram saudadas pelo mesmo sino, que, dando agora as nove horas, o sonoro e cadenciado bimbalar como que bendizia aquelas duas mulheres que numa linguagem simples, banal, confessavam o seu ardente patriotismo, o seu amor e devotamento pela grande data dos brasileiros.



A estas horas certamente que, como elas, muitos comemoram no coração a data da lei que fraternizou os nacionais e que, igualando pretos e brancos, prenunciou uma nova era — a do recorte do solo livre pelo braço livre, lavrando-o e fertilizando-o para tornar o país grande entre os que são os maiores no concerto das nações...

Pacotilha

13 de maio de 1905

O socialista

A Fran Paxeco

O Narciso, depois que saíra da Casa dos Educandos, flautista exímio e perfeito oficial de carpina, viajara pelo sul do país em companhia do seu padrinho comendador Manuel Bento, abastado capitalista português, demorando-se alguns anos em São Paulo. Seguindo o comendador para a Europa, onde veio a falecer, o Narciso tornou ao Maranhão, vindo residir numa casinha, que herdara do padrinho, lá pras bandas do Hospital Militar.

Com a instrução que recebera no estabelecimento sustentado pela então província, e o seu convívio com artistas e operários na formosa Pauliceia, o Narciso constituíra-se um devotado batalhador das ideias socialistas. Como sacerdote convicto de uma ideia, nova na sua terra, mas já recalcadamente pregada no velho mundo, punha-se ao serviço da propaganda dessa ideia, fazendo ressaltar altamente a excelência da causa a que consagrava todas as suas energias e toda a sua atividade.

Na sua mesa de cedro polido atulhavam-se livros e jornais, salientando-se dentre estes, desordenadamente, números do *Avante!*, *Tribuna Operária*, *Aurora Social* e outros órgãos socialistas, cuja matéria escrita ele desmanivava avidamente, logo que os recebia, para a transmitir aos companheiros, que ele ia

plácida e mansamente catequizando. Naquela tarde, regressando da Praia Grande, onde empreitara a reconstrução duns armazéns, que haviam sido devorados por grande incêndio, e tendo arraigadas no espírito doutrinas que ele tinha a maior necessidade de expandir, jantou e encaminhou-se pelo Apicum afora. A fábrica Santa Isabel, a Fabril, apresentava-se-lhe na imaginação como um dos baluartes de onde deveriam partir os combatentes no dia da conquista social, do derrocamento da burguesia.

E o que mais lhe efervescia os sentimentos de comiseração pelos oprimidos, o que o arrebatara a trabalhar com afã na defesa dos conspurcados, das vítimas da sanha do burguês, fora um artigo que uma folha editara, no dia primeiro de maio, data da Festa do Trabalho, artigo que, a seu ver, era em desabono do socialismo no Brasil.⁵³ Era necessário dar começo sem tréguas ao movimento, mostrando que “havia gente” para derruir essa “falsa pinoia chamada mecanismo governamental”. E para isso ele via na Fabril um dos principais quartéis por onde se deveria principiar a arregimentação das forças.

Lembrara-se de que o Paixão, seu amigo, era lá um “grande homem”. Dispunha de muita influência sobre aquelas centenas de operários, e quem sabe se, engodando-o com a promessa duma cadeira no Congresso Nacional, como representante do Partido Socialista, o rapaz não lhe viria a ser um grande e fervoroso auxiliar? A vaidade, dizia, era tudo neste mundo; e o Paixão, antevendo-se deputado, certamente seria um trabalhador incansável, dedicado.

Foi antegozando a troca das suas reflexões com o Paixão e a aquiescência deste, que o Narciso se aproximou da fábrica, precisamente à hora em que nesta terminara o trabalho. Cessara o vertiginoso redemoinhar de cilindros e roldanas, o estalidante ruído dos teares e urdideiras, o barulhento roncar dos batedores e cardas, e aquele ambiente era todo o enfarado cheiro de azeite.

A turbamulta saía, alegre e risonha; moçoilas dirigindo-se sorridentes umas às outras, rapazes enamorados aproximando-se delas, galanteando-as. Nos semblantes desses operários, que trajavam sem modéstia e com luxo, nenhum sentimento de miséria transluzia; ao contrário, parecia que a fortuna lhes sorria pela mais benéfica forma. Somente o Narciso era quem via naqueles prazenteiros rostos o reflexo da miséria; celebrando já o triunfo da sua ideia, deixando transparecer nesse riso a alegria pelo prenúncio da sua conquista, do seu glorioso alcance. Da porta da quitanda do Campos assistiu, excelsamente transportado de júbilo, ao desfilar dos operários, da “sua gente”, os futuros dominadores da sua terra. E depois dirigiu-se para a Pedra da Memória, no Campo de Ourique, ao encontro do Paixão, que lhe prometera ali se achar às suas ordens, dali a um quarto de hora, para a conferência solicitada. A demora era só enquanto ele fazia bem ao estômago.

Vencido o prazo, achavam-se confortavelmente instalados nos degraus da escadaria do arcaico e desgracioso monumento os dois conferencistas e mais o Joaquim Mariano, professor aposentado, que, no caminho, encontrando-se com o Paixão, por este foi conduzido para a entrevista. Era um homem com o qual a “gente se poderia abrir”, disse o Paixão, apresentando-o ao Narciso, e acrescentando que “era um cofre” a que se poderia confiar qualquer segredo. O Narciso, sorrindo, considerou ser desnecessária a apresentação. Conhecia o professor desde uma festa em Alcântara em que trocaram as suas ideias. Não era o professor ainda um socialista “convencido”, mas era “simpático” à nobre causa.

Anoitecera já. E foi sob um límpido e enluarado céu que o socialista começou a tratar do assunto que o levava a pedir a conferência.

— Então vocês não leram, irmãos, um artigo que foi publicado, no dia primeiro de maio, em oposição ao socialismo no Brasil?

O Joaquim Mariano lera-o e o Paixão soubera da publicação por outras bocas e não *de visu*.

— Pois foi para isso que resolvi conversar consigo, Paixão. Você reúne todas as aptidões necessárias para ser um poderosíssimo chefe de partido, e dispondo, como dispõe, da estima de todo aquele povo lá da Fabril, será um deputado eleito por uma maioria estupendíssima.

Bastaram os dois superlativos para o Paixão ser um homem catequizado. Não se julgava nas condições de ser o que o Narciso dizia, mas, sem lograr dissipar a alegria que lhe ia na alma e que perfeitamente se lia no seu rosto, jurou que estava pronto a ouvi-lo e cumprir as suas ordens. E o Narciso, vendo confirmada a sua predição de que a vaidade era tudo neste mundo, entrou diretamente a tratar do tal artigo. Aquilo era um desaforo!, dizia.

O seu autor quisera aproveitar-se exatamente do dia em que o proletariado estava em festa para vir asseverar que a doutrina de Marx ainda não predominava na Europa, a não ser nuns dois ou três Estados. Quem elegera os deputados socialistas Millerand, Iglesias, Jaurés e outros, a não ser o Partido Operário Internacional, esse colosso, que, apavorando o rei Umberto, o obrigou a proclamar o socialismo como superior às monarquias e repúblicas, partido em cujo programa o amor é a causa primordial da vida? O picardista escrevinhador deixou-se embalar pelo escritor J. Bourdeau, que aponta o socialismo na Inglaterra como “questão de barriga”, não refletindo que só com risadas devem ser tomadas as palavras dum escritor antissocialista, que tantas infâmias ousou escrever contra a doutrina de Marx. E fizera mais ainda o apistolado articulista: falou em “La Mano Negra”, que o espanhol, com os seus serviçais burgueses e aristocratas, amedrontado, inventou para, na mais infame e incruenta cruzada, perseguir os trabalhadores. E ignorando o rabiscador que o general Julio Roca quer agora perseguir os nossos irmãos, com a lei que

sancionou, o que lhe custará caríssimo, ignora também que no Congresso Brasileiro se vota uma lei congênere, lei “secreta e infame”, que visa expulsar os estrangeiros à guisa de revoltosos. Falando de Tolstói e das “terras”, não se lembrou de que estas são dos burgueses, que, com uma espingarda, apontarão à cabeça de qualquer socialista ou de qualquer simples proletário que ouse cultivá-las para si. Imbecil, ignorante, o tal rascunhador, que não sabe que só uma reforma social poderá pôr termo à fome, ao servilismo, à miséria, à prostituição, aos roubos, às lágrimas, enfim. E essa reforma é o socialismo, grandemente necessário ao Brasil, onde uns morrem de indigestão e outros de fome... Pela “aparente democracia” desta República e pela raça de onde provém, o articulista,⁵⁴ que ele bem conhecia, deveria ser socialista. Meter-se a escrevinhar *aquilo*, desconhecendo a miséria e a fome por que passam muitíssimas pessoas proletárias no Maranhão!

— Alto lá! — exclamou o professor. — Fome no Maranhão?

— Sim, senhor. Admira-se?

— Ora, seu Narciso! — retorquiu. — Ouça-me um pouco, por quem é. A pessoa nesta terra, santa e boa, por mais pobre que seja, não passa fome. Os cegos e aleijados chegam a ajuntar dinheiro. Isto para só falar dos inválidos. Os outros, se não encontrarem trabalho, o que é raríssimo, munem-se dum cofó e vão apanhando mansamente os ossos que encontram pelas ruas, para lá transportados pelos cães. Com o cofó cheio, na primeira refinação que se lhe deparar, vendem o conteúdo, e ei-los com dinheiro no bolso para comer três ou quatro dias. Numa terra em que se dá disto, há fome? Há miséria?

— Bom, concordo — retrucou o Narciso. — Mas é que muita coisa existe só na aparência. Precisamos de ser livres. O socialismo virá como vieram a Independência, a Abolição e mesmo a República!

— Vocês gritam mais do que trabalham. Procurem um homem reflexivo e que seja formado, para os dirigir, para não estarem

fazendo as coisas atabalhoadamente, é o conselho que lhes dou, senhores socialistas!

— Nada, nada de *doutores* conosco! — objetou.

O Narciso não queria saber de gente formada, que, na sua opinião, concorrera para arruinar o país. E ainda não fazia muito tempo que ele, expondo as suas ideias ao doutor Miguel, que se tornara seu amigo, desde que serviu como inventariante dos bens do comendador Manuel Bento, e pedindo a sua opinião, o bacharel, abanando a cabeça, sorriu e pespegou-lhe cara a cara estas palavras:

— Mas que querem vocês, afinal? Reformas, regeneração, conquistas e outros vocábulos bonitos, é só o que se vê nas bocas de vocês, o que por fim de contas nada mais é do que futilidade. Que querem? Eliminar por completo a iniciativa individual e, por chamadas leis protetoras, limitar a capacidade do trabalho dos indivíduos condenando assim um homem são, forte e vigoroso ao descanso, quando para aumentar os seus recursos lhe seria necessário o uso das suas forças e faculdades; proibir as mulheres do trabalho, para mantê-las, sob hipócritas pretextos de saúde e de moralidade, na servidão; suprimir o trabalho mecânico para dar ganho de causa ao operário, que, no entanto, não pode prescindir das máquinas. Qual, meus amigos, estas e outras tolices mais, essa retórica dos Marx, dos Engels, boas para os ingênuos e para os ignorantes, são contraditórias com o método de indução, graças ao qual as ciências físico-naturais fizeram as suas descobertas. O charlatão, numa linguagem obscura e enfática, também promete uma panaceia universal. Promete, e como prometer não é fazer...

O doutor Miguel não dissera isso de coração, assim pensava o Narciso. Burguês por origem, relacionado como era com os burgueses, seus clientes, não iria ser-lhes desagradável, embora aparentasse um sentimento democrático. Deixassem-no lá com as suas opiniões. No dia do triunfo da nobre causa ele seria magnanimamente tratado como um vencido, manso e humilde.

— Homem, eu creio que estou inteiramente de acordo com o doutor Miguel — disse sorrindo o Joaquim Mariano.

— Renda-se, seu professor, olhe que mais vale ser propagandista do que adesista.

E, enquanto o Joaquim Mariano, mordicando os beiços, sacudia a cabeça negativamente, o socialista procurava esforçar-se por fazer dominar as suas ideias no espírito do professor. Repetia a sentença de Magalhães Lima: “O socialismo foi uma aspiração no século 19 e será uma realização no século 20”, e acrescentava que para ver triunfante o lema da bandeira daquele eminente publicista era mister que os operários, as “bestas de carga”, mas que, no entanto, eram os resolutos e os fortes, conclamassem tonitruantemente os companheiros a soltar o grito de desopressão, que deverá ecoar pelo Brasil afora; precisava-se, urgia atirar ao chão essa República que por aí vai, que nada mais é do que a opressão, a tirania, o despotismo. Para fazer desaparecer essa oligarquia atrabiliária, que ora representa a política pessoal, os latrocínios, e dilapidações, toda a espécie de bandalheira, enfim, que existir possa, só uma coisa havia — a República Social. E austeramente cheio duma convicção real e sincera, encarou os dois ouvintes, e, como se estivesse a perorar diante duma multidão, numa voz lancinante e grave, fez retumbar pelo vasto Campo afora esta sentença:

— O socialismo, meus irmãos, embora depois duma campanha encarnecida e mortífera, derruirá a burguesia, e fará alçar o pavilhão da República Social, que saudará a epopeia da regeneração e do bem, assim tenhamos nós por farol brilhante a compreensão dos nossos direitos!

O professor, vencido, ou por não querer contradizer o socialista, ouvia-o agora paciente e religiosamente. Sentado ao lado do Paixão, o Narciso, de pé, diante deles, pregava numa violenta explosão de patriotismo e de abnegação as suas ideias, revelava os seus planos, que até então constituíam o mais absoluto segredo.

Preludiava a vitória dos seus sonhos, animada da mais ardente esperança. O Campo de Ourique era um dos pontos onde a estratégia se desenvolvia mais eficazmente. Arrancados os trilhos dos bondes e escavado o solo, cortar-se-iam os encanamentos da água e do gás; derruir-se-iam os postes dos fios telegráficos e telefônicos, e praticando essas operações, só naquele largo, o burguês estaria rendidíssimo. Sem água, sem luz, sem transporte, sem poder comunicar o pensamento pelos fios, nem mesmo para dentro da cidade, estava tolhido em todas as suas ações. Numa “noite de escuro”, a horas mortas, simultaneamente, tomando de surpresa as repartições públicas, os armazéns da Praia Grande, era difícil a resistência.

— E as tropas? — pergunta espantado o Paixão.

O Narciso, sempre sorridente, tranquilizou-o prontamente. As tropas, no dia em que os operários se insurgirem nem nisso pensarão. A Municipal, os manichupas, dispersados pelas formosas e belamente ajardinadas praças a guardá-las avidamente; o Piquete de Cavalaria, de São João, só patrulhava no centro da cidade, e logo no começo da noite, os soldados dos batalhões federais, dizimados, guardariam a mais absoluta neutralidade, se não quisessem ver assaltados o quartel, o hospital militar e o armazém da pólvora. Restavam os soldados do corpo de polícia. Mas ainda ali a coisa não era de pôr os cabelos em pé, pois os oficiais, na sua maioria, eram bem patriotas para, mostrando às praças a sua emancipação, trazê-las a fraternizar com o povo.

No momento dado, dos sediciosos bairros do Desterro, da praia do Caju, da Currupira e do Santiago é que deveriam partir os exércitos libertadores. Os operários da Fundição e do Cais, munidos das suas picaretas e tenazes, de martelos, malhos e marretas; de todas as fábricas, desde a do Cânhamo até a do Anil, desde a Camboa até a Industrial, teriam nas cardas e teares materiais para construir armas de encher um arsenal; os caldeireiros de ferro, levando pesadas latas de rebites, levariam rivais de Comblain; os

pescadores e catraieiros, com remos e vogas; os funileiros, com estilhaços de vidro e de folha de flandres; os ferreiros do Zé Thomás, marceneiros, carpinteiros, pedreiros, com ferramenta idêntica à de que se servia são Elesbão; os calafates do Desterro, os caldeireiros do Fortunato e até os cozinheiros do Champoudry e da Joanna Passos, com as panelas, os caldeirões e as çarolas, todos viriam trazer a sua ferramenta, que, como instrumento contundente que era, seria vantajosamente utilizada como arma destruidora. E os canteiros, com as picaretas e os cinzéis aliar-se-iam aos calceteiros do astuto e sagaz Paulino, que fariam funcionar no terrível deflagrar da luta os esmagadores e possantes maços de bater as pedras das ruas. Os marinheiros da guardamoria, de parceria com os trabalhadores da capatazia, arrastando o canhão que lá tem, e com as suas armas, viriam secundar os demolidores da tirania. E outras coisas mais viriam em auxílio. A ocasião fazia o ladrão.

E, num ataque por todos os recantos da cidade, convergindo para um só ponto — a Praia Grande —, era num fechar de olhos, enquanto, galgando os armazéns do Albano, do Cunha Santos e do Braga, estariam todos munidos de espingardas, revólveres, facões, todos os instrumentos mortíferos, além dos barris de alcatrão e de óleo e das latas de querosene, combustível mais do que suficiente para fazer arder todo aquele bairro em que o burguês comerciante dilapidava e depenava o povo — o consumidor.

Fazia-se tarde. Despediram-se, ficando estabelecido entre os três (o professor tornara-se socialista) um pacto para se esforçarem a fim de, o mais breve possível, dar-se princípio à batalha, implacável e sem tréguas. O Paixão seguiu para a casa a exultar de alegria, antevendo-se já deputado pelo partido socialista e comandante do “Exército da Fabril”, e o Joaquim Mariano, antes de se recolher, foi ainda jogar uma partida em casa do Celestino Moura.

O Narciso, na alucinada e estonteadora febre do seu sonho de redenção e justiça, era o extermínio a todo transe e a derro-

cada infrene, o que lhe ia no pensamento. A República Social era todo o seu empenho louco e pertinaz. E quando, ao chegar à casa, atordoado, torvo, se deitou, depressa dormiu. E agora sonhava. Sonhava que uma serpente, que, segundo a lenda, se contava existir debaixo da escada da Igreja do Carmo e que, um belo dia, agitando a sua cauda, tão enorme que ia ter ao Ribeirão, arrasaria a cidade, que tal serpente existia realmente, não lá, mas transformada num ajuntamento colossal, bélico, e que, no mais empolgante dos espetáculos, fervilhava na nobre e estuante tarefa de pôr em prática, retumbante, triunfantemente, o plano que ele tão refletidamente concebera; sonhava com o grosso Exército Libertador cantando hosanas à vitória do socialismo, via-se à frente dos neodominadores, no dia seguindo ao da hecatombe, a construir sobre as ruínas e os escombros fumegantes da derrocada o marmóreo, gigantesco, esplendoroso e eternamente inabalável monumento da República Social...

Pacotilha

8 de março de 1904

O suplício da Inácia

I

No sino da cadeia acabara de soar a hora fatal, os reboantes sons vindo ferir tristemente os ouvidos de milhares de pessoas, que alvoroçadamente fervilhavam na pequena praça, para onde, desde o alvorecer, acorria de todos os recantos da cidade a população em peso para assistir à execução da escrava Inácia.

Numa confusão indomável todos se queriam aproximar do cadafalso, sedentos de curiosidade, ao mesmo tempo que se queriam afastar arredando a vista do monstro que se erguia diante dos seus olhos.

A força, alguns esteios mal cruzados, tendo ao alto uma trave de espessura capaz de suportar o peso a que a iam sujeitar, era duma construção brutalmente acabada. Desigual e tosca, condia com o fim que lhe destinavam.

Aquela máquina ali erguida em nome da Justiça, como instrumento da desafronta pública, era o objeto da atenção de milhares de olhos. Até inocentes criancinhas eram pela barbárie daqueles tempos obrigadas a assistir a tão tristes e horripilantes cenas, mimoseando-as, depois, os seus pais com uma surra,

seguida do indispensável banho de água de sal para que essas inconscientes, com os corpinhos chagados, “não aprendessem” o que viram.

O tristonho badalejar do sino anunciara já a chegada do momento ansioso e sofregamente esperado. Chegara a ocasião de desafrontar o crime pelo crime, e a Justiça, folgando imensamente por castigar a culpada, manda ler em voz alta a sentença pela qual era a escrava Inácia condenada a expiar a pena última, e manda executar essa sentença, sob os aplausos de uma sociedade que se acha crente de que cumpriu o seu dever.

Sinos, cornetas, tambores, tilintar de baionetas, numa triste, acabrunhadora e horrível confusão, abafaram as últimas palavras que acabavam de ser lidas.

E a paciente, aos impulsos do carrasco, subia ao tablado, sob o qual os religiosos da Misericórdia, numa atitude piedosa, esperavam, com a sua redentora bandeira, o momento de com as dobras do pavilhão da caridade cobrir a miseranda Inácia, se a corda partisse.

Restabeleceu-se um silêncio monótono e tristonho, que só foi novamente perturbado quando num grito forte e estridente as palavras “Morro inocente!” retumbaram por todo o largo, ao mesmo tempo que o carrasco, destro e ligeiro, cavalgando na trave, empurrou bruscamente, violentamente, a condenada, deixando-a suspensa na corda a espernear, as mãos atadas, os olhos desvairadamente esbugalhados para o céu, a boca se estorcendo babosa e entreaberta, deixando ver os dentes que cessavam de rilhar, como que lançando um sorriso de escárnio para todo aquele povilêu, que ali acudira a presenciar os seus derradeiros momentos, tão terríveis e cruciantes!

E no meio de tanta gente que apinhava o largo, sedenta de curiosidade, só uma pessoa ria, só uma única alma não se condoía da supliciada: era o carrasco, que com um riso alvar, executava

com as cordas, que lhe foram dadas pelos homens da lei, aquela sobre cujos ombros pesava um crime nefasto e ignominioso.

Estava feita a justiça. E os juízes, retos, conspícuos e senhores duma provectidão nunca desmentida, tinham tranquila a consciência nunca imaculada...

II

A Inácia era escrava da família Mafra, que a estimava imensuravelmente. Como cozinheira que era da casa, esmerava-se em evidenciar o seu apurado e fino paladar nos variegados quitutes que preparava para reconfortar os estômagos das pessoas da nobre família. Ninguém lhe levava a palma num bife de grelha ou de caçarola, nem tampouco numa sopa; fosse esta de massas, de arroz ou cevadinha, ela tinha um dom particular no *savoir-faire*. E quantas famílias, ao festejar um aniversário, não iam pedir às Mafras que “emprestassem a Inácia para preparar alguns pratos”!

A esses predicados reunia a mulata uma beleza fascinante que provocava o ciúme entre os seus parceiros, que lhe disputavam a amizade. Para um deles, o Fidélis, um preto possante e de cara de poucos amigos, tivera ela um dia, pondo as mãos à cinta e fazendo ressaltar bamboleantes os seus volumosos quadris, esta resposta:

— Ixe, cacá! Tu não te enxergas, negro?! Não vês logo que eu não sou pro teu bico?! Era o que faltava: eu *mi limpá e infeitá* pros teus beijos de roda de carro! Não te miras?

O preto, enraivecido com a resposta que a Inácia lhe dera, na presença dos seus parceiros, que o trotearam grandemente, jurou-lhe que lhe poria abaixo as tripas se ela persistisse no inabalável intuito de não aceder aos seus rogos, ameaça esta que, todavia, não impediu que ela continuasse firme no seu propósito de resistência.

Numa tarde, chegada que foi a hora do jantar, os senhores da Inácia sentaram-se à mesa, e o chefe da família, tendo diante de si a sopeira em que fumegava cheirosa a sopa de arroz amarelenta de gordura, dividiu-a pelas pessoas que tomavam parte na refeição. Sorvido o gostoso prato, iam passar ao “cozido”, quando uma criança, erguendo-se a chorar fortemente, as mãos sobre o ventre, revolucionou toda a casa.

Acudiram logo inquerindo uns aos outros o que seria, quando em cada um dos jantantes se foram manifestando as mesmas dores, agora seguidas de vômitos, que a todos iam prostrando.

— Não restava dúvida — dizia o velho Mafra —, estavam envenenados.

Seria casual ou proposital? No primeiro caso, não sabia como explicar. No segundo, outra pessoa não se intrometia no serviço da cozinha, onde tudo estava entregue à Inácia, cuja fidelidade nunca fora posta em dúvida.

O doutor Ramos, o médico da casa, acudiu pressurosamente ao chamado, comprovando serem de envenenamento todos os sintomas e que da sopa havia partido todo o mal. Prestados que foram os mais prontos e zelosos cuidados aos doentes, socorridos a tempo de escaparem da morte, um conselho de família foi organizado, presidindo-o o médico.

A pobre Inácia, aterrada, sem compreender o que queria dizer todo aquele movimento, explodiu num choro estridulante, quando lhe perguntaram se ela pusera “alguma coisa” na sopa.

— Está aí tudo, podem ver! — respondeu soluçando, com o desespero de quem tem o amor-próprio ofendido.

Examinada a caçarola em que se cozinhou a sopa, qual não foi a surpresa causada àquela família, que tanto idolatrava a mulata, quando o médico exclamou:

— Não resta a menor dúvida. Aqui temos a prova no fundo da panela: é arsênico, e em grande quantidade!

— Malvada! Miserável! Assassina! — foram os gritos que caíram sobre a infeliz rapariga, gritos partidos dos mesmos peitos de onde, minutos antes, partiram os que a inocentavam.

E lá vieram as autoridades com os seus médicos, que procederam a um exame mais minucioso. Além dos médicos legistas encontrarem as mesmas provas que o doutor Ramos, as autoridades, rebuscando os recantos da cozinha, descobriram numa lata em que a cozinheira guardava temperos, um papelzinho contendo arsênico. Barafustaram ainda o baú de couro da Inácia, que o franqueara sem o menor vexame, como quem tem a consciência límpida e pura, e com surpresa de todos e estupefação da desventurada escrava, foi encontrado no fundo da caixa, escondido num cantinho, outro papelzinho com o mesmo veneno.

E que grande que foi o alarido que reinou naquela casa, onde até então imperavam a santa paz e a mais doce cordura! Os mais violentos impropérios foram atirados à rapariga que, de quando em vez, recobrando a razão, de joelhos no solo, os olhos fitos para o céu, assim implorava a clemência do velho Mafra:

— Então meu *sinhô mi* julga capaz de *fazê* tamanho mal p'ra *voçuncê* mais minha *sinhora* e esses inocentinhos? Tende piedade de mim!

— Foste tu mesmo, malvada! Quem mais seria? Olha a bruxa a mostrar uma carinha de santa! Cínica! Infame! Miserável! Some-te desta casa, assassina! Deus te ajuste! Raios te partam!

Foi sob este chuvaire de insultos e pragas que dois policiais, brandindo os chanfalhos, arrastaram à prisão a infeliz que, sem forças para mais protestar, nem lágrimas para chorar, com o espírito obcecado pela acusação de que era alvo, seguiu completamente bestializada, sem saber para onde a levavam.

✱

O processo foi sumarríssimo.

Feito debaixo de tão irrefragáveis e esmagadoras provas, dentro de poucos dias era a Inácia pronunciada e condenada à pena capital, confirmando o Tribunal da Relação a sentença.

E ali, entre aquelas quatro negras e úmidas paredes do cárcere, a escrava procurava conceber no seu cérebro confuso quem, por espírito de malvadez, deitaria tão comprometedores papéis naqueles lugares em que só ela dominava. Como pudera lá penetrar outra pessoa, se ela não arredara o pé da cozinha, a não ser num instante em que “dera um pulo” à quitanda do Ennes, para comprar um tostão de massa de tomates? Ah! Maldita sopa! Sim, maldita, porque fora ela a causa da sua perdição, do seu torturamento, da sua desgraça, enfim!

A condenada, de gorda e bonita que era, emagrecia, enfeiava. Aqueles ondeados cabelos, que outrora ela tanto se esmerava em pentear, colocando no rodilhado cocó o ramalhete de cheirosas manjeronas e rosas de “todo o ano”, ou do branco jasmim e do rescendente trevo conjuntamente a uma baunilha fresca e dum odor inebriante, estavam agora tecidos, ruços, e embranqueciam. Os seus dentes, dum esmalte brilhante que, quando ela gargalhava no açougue, causavam alucinação e despertavam o ciúme na rapaziada, achavam-se todos cobertos de um limo negro. Aqueles olhos, reluzentes e castanhos, que fascinavam, jaziam amortecidos e encovados. Enfim, tudo quanto constituía a beleza da Inácia e que fizera pulular doidejantes tantos e tantos corações, tudo desaparecera em tão curto espaço de tempo.

E quando a tiraram daquele cárcere, a mandado da justiça, essa mesma por que ela esperava para atestar a sua inocência e que, no entanto, afirmava ser ela a culpada, deixou-se conduzir com uma brandura de que só os inocentes, os justos, se revestem.

O seu confessor aconselhara-lhe que apelasse para a justiça divina. E foi crente numa justiça diversa da terrena que a Inácia

se resignou, subindo ao patíbulo sem soltar uma impreciação, a não ser as duas palavras que naquele grito de dor duma alma imaculada e cheia de pureza lhe saíram do íntimo do peito, na ocasião em que o carrasco a trucidava vigorosamente em nome da Lei.

III

Passaram-se uns oito anos depois da execução da Inácia.

Sobre o deplorável fato havia já caído o véu do esquecimento.

O padre Moreira, capelão da família Maфра, foi numa manhã chamado às pressas para ministrar a extrema-unção a um escravo dos Maфras que se achava moribundo. Era o Fidélis, aquele que ameaçara de pôr à mostra as tripas da infeliz supliciada.

Ficando a sós o sacerdote e o enfermo, instantes depois saía aquele do quarto com o semblante em que se refletia qualquer coisa de anormal, de horrível. Chegou-se ao velho Maфра, pedindo-lhe o favor de penetrar no aposento do agonizante, que tinha algo de importante a revelar-lhe.

— Então, Fidélis, estás reconciliado com Deus? Que desejas de mim? — entrou, perguntando, o senhor do preto.

— Ah! Meu sinhô, a minh'alma 'stá perdida! Vou p'ro inferno... Não foi Inácia quem botou veneno na panela, fui eu!...

— Foste tu, miserável?!

— Sim, fui eu, meu sinhô!

— Então tu, coração de pedra, tiveste a coragem de ver morrer inocente aquela pobre mulher, quando o envenenador, o culpado, o infame, o assassino, eras tu?!

— Sim, meu sinhô! Fiz aquilo p'ra mi *vingá*... Eu queria tanto bem pra aquela mulata, e ela tinha tanta raiva de mim... Eu jurei que ela não seria mais de outro... Eu queria *morrê* sem *dizê* nada, mas sinhô padre mandou eu *pidi* perdão p'ra meu sinhô...

— Mas como foi que praticaste tamanha malvadez?

Então o preto pôs-se a narrar compassadamente, em voz quase imperceptível — pois que as agonias da morte lhe iam prendendo a língua —, a campanha em que ele se empenhou para “fazer mal” à mulata.

Quando ele se desenganara de serem baldados os seus rogos para conquistar a amizade da Inácia, começou a imaginar uma trama, que por qualquer forma compromettesse a sua inimiga. E foi para ele um “feliz achado” num dia em que o senhor lhe mandou deitar arsênico numa grande casa de cupim, que aparecera no teto da varanda da sua vivenda. No papel, que continha não pequena quantidade do violento veneno, o Fidélis viu o instrumento mais apropriado para a sua vingança. Era uma vez a Inácia!

E ei-lo ufanoso a pôr em prática os seus intentos vingativos. Deitou um pouquinho apenas no lugar em que fizera habitação a destruidora formiga e foi para o seu aposento, onde, trancado, entregou-se ardilosamente à execução do seu pérfido e sinistro plano. Distribuiu o arsênico por três pequenos papéis, tendo a paciência de os embrulhar como se da botica viessem, e aguardou que a sua parceira arredasse pé da cozinha, o que não se fez demorar. A sorte, nesse dia, era propícia aos intentos do perverso. Mal a cozinheira transpunha a porta da rua, a caminho da quitanda, e ele já, de ponta de pé, ganhando a cozinha.

Colocou primeiramente um dos embrulhos na lata de temperos; em seguida o conteúdo de outro na caçarola em que fervia a sopa, e ao passar pelo quarto onde se aboletava a Inácia, e que ficava contíguo ao dele, espreitou para todos os lados, e, não vendo pessoa alguma, dum pulo se achou junto ao baú de couro da desditosa rapariga e depositou num cantinho dele o terceiro embrulho, o mesmo que fora encontrado na busca dada pela polícia.

Terminada esta triste e horrorosa revelação, o confidente, como quem tinha aliviado dos ombros um enorme peso, suspirou e, fazendo um esforço, mais uma vez, pediu:

— Perdão, meu sinhô...

O velho Mafra, banhado num pranto comovedor, fez comunicar o fato às autoridades, que correram a ouvir a confirmação da própria boca do moribundo.

E quando todos os membros da família, que foram à presença do expirante conceder-lhe o perdão implorado, deixaram o quarto, onde já reinava fortemente o cheiro da morte, o padre Moreira tornou a achar-se junto do leito do Fidélis e lançou a absolvição à alma daquele homem, que ao expirar, comprimindo angústias lacerantes, se revelara aos olhos daquela família e dos homens da lei o autor dum crime hediondo, ignominioso, pelo qual fora injustamente supliciada uma mulher, cujas últimas palavras, antes de cair vítima do barão da justiça, foram: “Morro inocente!”.

✱

Ao divulgar-se na cidade a notícia do erro judiciário, foi uma consternação geral.

O nome da condenada era pronunciado por todas as bocas como o de uma santa. Missas em número considerável foram mandadas celebrar pela alma da que injustamente padecera a pena de pagar o crime pelo crime.

Toda sorte de penitências veio à cena com o propósito de desagrar a alma pura e límpida da Inácia, que, na hora extrema, se soubera revestir de tamanha resignação. E de todas elas a que resultou mais tocante, mais excelsamente linda e mais grandemente admirável, foi à que se entregou um dos juízes signatários da sentença que mandava supliciar a desafortunada.

O juiz, com a alma possuída dum grande terror, abandonou o seu posto de alta hierarquia na magistratura, e foi residir solitariamente na obscuridade, na pequena povoação de São Miguel. Ali, nesse lugarejo, fez construir uma capelinha, onde passava horas e horas a rezar, pedindo perdão para a sua culpa, o erro em que caíra pondo o seu nome sob uma sentença que condenava uma inocente.

Foi lá, numa casinha, defronte daquela ermida caiada, muito alva, como símbolo da paz e da inocência, que ele morreu.

Chegada a hora fatal, apenas um pouco de raciocínio lhe restava ainda, mas era o bastante para que, fazendo abrir as janelas, e girando a encanecida cabeça para a capelinha, que ele edificara com tamanho devotamento, a contemplasse no último olhar, para que o seu derradeiro suspiro lhe levasse a alma, alma dum justo que, errando uma vez, não trepidara em carpir as maiores angústias para se reconciliar com a consciência, naquele momento frágil, desfalecida, esvaída...

E com tudo o que os seus olhos podiam alcançar, o juiz arrependido expirava contemplando a sua igreja, cujos sinos agora plangiam lugubrememente, tristonhamente.

A vida maranhense